



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



“Diante da dor dos outros”: Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2025¹

Julianna Nascimento Torezani²
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia

RESUMO:

A fotografia tem o papel de registrar, denunciar e refletir os acontecimentos, sobretudo quando aborda situações impactantes. No dia 28 de outubro de 2025 nos Complexos da Penha e do Alemão ocorreu a Operação Contenção realizada pelos órgãos de segurança do Rio de Janeiro, que resultou em 119 mortes, culminando numa chacina. Este trabalho tem por objetivo analisar a imagem quanto ao impacto visual e a estética do horror. A metodologia utilizada foi a análise iconográfica e interpretação iconológica (Kossoy, 2009). A imagem apresenta uma situação violenta, cruel e desumana de um Estado que não cuida da população e mata sem investigação e julgamento, além disso apresenta a dor e o sofrimento das famílias e amigos.

PALAVRAS-CHAVE: Chacina; Fotografia; Rio de Janeiro.

A fotografia tem o papel de documentar os acontecimentos para estudo, reflexão e criação de ações ao longo da história. O recorte espacial e a cristalização de um instante pela imagem, permite atravessar o tempo para que possa ser vista e revista, analisada e discutida. Neste sentido, a fotografia busca interpretar a sociedade e mostrar o real sem grandes interferências no tema (mesmo que faça escolha técnicas e estéticas para a captura da luz) para provocar a análise crítica de quem vê. Assim, ocorre o encontro de dois olhares, de quem fotografou e de quem observa cena fotografada, ambos repletos de intencionalidades, vivências e repertórios distintos.

Ao denunciar os problemas, através de fotografias, fotógrafas(os) buscam fazer com que a informação visual possa sensibilizar a opinião pública para buscar soluções às crises que ocorrem. Ludimilla Wanderlei (2018, p. 54) afirma que “a imagem se torna o artefato que permite acesso a realidades

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia Documental”.

² Mãe de Lis. Professora de Fotografia e Iluminação do Curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestra em Cultura e Turismo e Bacharela em Comunicação Social pela UESC. Autora do livro *As selfies do Instagram: os autorretratos na contemporaneidade* (Editus, 2022). E-mail: juliannatoretzani@gmail.com



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



outras” e embasa as construções de sentidos a cada momento já permite ver o que ocorre. A fotografia documental busca aprofundar os temas para que se tornem elementos de investigação e informação.

De acordo com Jorge Pedro Sousa (2004, p. 12), fotógrafas(os) precisam ter “sensibilidade, capacidade de avaliar as situações e de pensar na melhor forma de fotografar, instinto, rapidez de reflexos e curiosidade”. Ainda mais no fotojornalismo, que é a linguagem de instantes, em que toda a essência de um acontecimento e o seu significado muitas vezes partem de uma única imagem, que transmitem ideias e sensações.

Tudo isso é ainda mais importante quando a situação fotografada trata-se de uma tragédia, como o que ocorreu na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, nos Complexos da Penha e do Alemão, no dia 28 de outubro de 2025. Chamada de Operação Contenção, 2.500 agentes conduzidos pela Delegacia de Repressão a Entorpecentes, com apoio das Polícias Civil e Militar do Estado do Rio de Janeiro e do Ministério Público estadual, tinham por objetivo cumprir 180 mandados de busca e apreensão e 100 mandados de prisão. Além disso, tentou combater a expansão territorial e capturar líderes do Comando Vermelho. O governador do estado, Cláudio Castro, afirmou que foi uma “operação necessária” e classificou como um sucesso.

No entanto, tratou da operação mais letal que já ocorreu deixando 119 pessoas mortas, sendo 115 suspeitos de ligação com o tráfico de drogas e 4 policiais. A operação começou no início da manhã e terminou por volta das 22 horas, neste dia morreram 58 pessoas nas trocas de tiros e no dia seguinte foram encontrados 61 corpos encontradas na mata que fica entre os dois complexos. Os moradores ficaram em estado de pânico, pois causou medo na população que tentava se proteger e retornar para suas casas, o que causou transtornos nos transportes, fechamento do comércio, das escolas e até das ruas com veículos para que a polícia não tivesse acesso a comunidade.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



O planejamento, as estratégias e as táticas caracterizam o ocorrido como zona de guerra. No dia seguinte, os moradores colocaram os corpos na Praça da Pena para que os parentes pudessem fazer o reconhecimento, as imagens apresentam os homens mortos apenas de cuecas e as famílias e vizinhos no entorno. Essa se torna uma imagem síntese da situação, considerada como uma chacina e barbárie e que analisa a política de segurança do estado, uma vez que matar pessoas não resolve os problemas e ainda não é feita a justiça, visto que a investigação deveria apontar os crimes e estas pessoas deveriam passar pelos trâmites jurídicos de processos penais podendo chegar ao encarceramento. Dessa forma, toda a “operação” se tornou uma violação de direitos humanos, tanto das pessoas mortas e dos seus parentes enlutados. Diante desta contextualização, questiona-se: Como a imagem das pessoas mortas comprova o horror da chacina ocorrida no Rio de Janeiro na Operação Contenção?

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a imagem quanto ao impacto visual e a estética do horror. Tendo em vista a barbárie que a cena apresenta, é importante que seja analisada para que possamos refletir sobre as ações que são feitas em nome da segurança, mas que coloca a vida das pessoas em risco e deixa famílias enlutadas; ainda que estes suspeitos tivessem envolvimento com atividades criminosas não tiveram um julgamento.

O desenvolvimento deste estudo fundamenta-se nas ideias de Susan Sontag (2003, p. 13) sobre as imagens de guerra, tendo em vista que estas cenas causam repugnância, uma vez que “a guerra dilacera, despedaça. A guerra esfrangalha, eviscera. A guerra calcina. A guerra esquarteja. A guerra devasta”. Também aborda o conceito de estética do horror utilizada pelo jornalismo em situações de guerra e conflitos de Jorge Pedro Sousa (2004) e de punição de Michel Foucault (2014, p. 92) quando afirma que deve “calcular uma pena em função não do crime, mas de sua possível repetição. Visar não à ofensa passada, mas à desordem futura. Fazer de tal modo que o malfeitor não



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



possa ter vontade de recomeçar, nem possibilidade de ter imitadores”. Por conta da imagem escolhida como objeto de investigação deste estudo, será acionado o conceito de embrião narrativo de Dulcilia Buitoni (2011, p. 58), que explica que “é toda forma ou gesto congelados no tempo que permitam imaginar o passado ou futuro imediato daquela ação”.

Do ponto de vista metodológico, a imagem será analisada a partir da análise iconográfica e interpretação iconológica desenvolvida por Boris Kossoy (2009). A análise iconográfica consiste em revelar “dados concretos sobre o documento no que diz respeito à sua materialização documental e dos detalhes icônicos nele gravados” (Kossoy, 2009, p. 58), deve indicar o assunto, a(o) fotógrafa(o), a tecnologia, o local, a época e os elementos que compõem a imagem. A interpretação iconológica, por sua vez, busca “a história própria do assunto, seja no momento em foi registrado, seja independentemente da mesma representação” (Kossoy, 2009, p. 59) para desvendar a situação que resultou na imagem.

Pela abordagem iconográfica, observamos os corpos de homens mortos no meio da rua formando uma fila, a maioria trajados, no entorno há parentes, vizinhos e moradores da comunidade, além de veículos. Esta situação foi registrada por profissionais de vários veículos de comunicação e independentes, tomamos por base duas imagens feitas por Ricardo Moraes, da Reuters, é possível que tenha sido feita por câmeras e drones, publicadas no perfil da Folha de São Paulo no Instagram (@folhadespaulo) no dia 29 de outubro de 2025. Estas imagens se tornam o embrião narrativo (Buitoni, 2011) que colabora para contar o que ocorreu no dia anterior (durante a operação) e observar o que vai acontecer após essa imagem vir a público, pois retrata através da estética do horror (Sousa, 2004) a morte de pessoas que deveriam ser investigadas de acordo com a legislação brasileira.

Pela interpretação iconológica, observamos que a imagem feita em 29 de outubro de 2025 na Praça da Penha, das pessoas mortas enfileiradas no



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



chão, comprova o que ocorreu no dia anterior. Neste sentido, Sontag (2004, p. 16) defende que as “fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto”. Mesmo que o jornalismo brasileiro apresente os fatos da “operação policial”, a fotografia se torna uma prova das mortes que aconteceram nesta situação. O horror da imagem não pode ser naturalizado, pois imagens como estas chocam, por ver jovens mortos que podem ter sido cooptados pelo tráfico e, ao mesmo tempo, ver suas famílias enlutadas em não ter mais o que fazer, o retrato da dor, da perda e do sofrimento. “Sobretudo na forma como as câmeras registram, o sofrimento explode, é compartilhado por muita gente e depois desaparece de vista” (Sontag, 2003, p. 21).

Ainda mais a depender da repercussão que tenha, que neste caso se torna pauta política em que diferentes partidos aproveitam para apresentar sua postura quanto à segurança pública. Importante abordar que trata-se de uma imagem de sofrimento e dor, sobretudo para as pessoas no entorno dos corpos, pois a morte está aparente, numerosa, exposta lado a lado. Assim, mais uma vez acionamos Sontag (2003, p. 76) quando aborda que “narrativas podem nos levar a compreender. Fotos fazem outra coisa: nos perseguem”. Imagens dessa natureza devem refletir os fatos para que possam pensar em ações efetivas e corretas de segurança pública para proteção de todas as pessoas, não colocando em risco a vida das pessoas.

A forma como os agentes de segurança no Rio de Janeiro agiram colocou em prática o que Foucault (2014) explica sobre a punição, para que as organizações criminosas não voltem a se organizar futuramente, declarando ainda as prisões que foram feitas e a apreensão de armas e drogas, como uma “operação” bem sucedida, não levando em conta que as mortes que foram consequência levando a alta letalidade dessa situação. Sontag (2003, p. 95) indica ainda que mostrar imagens de morte e sofrimento não retira as pessoas dessas situações, “contudo, parece constituir um bem em si mesmo



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



reconhecer, ampliar a consciência de quanto sofrimento causado pela crueldade humana existe no mundo que partilhamos com os outros”.

Assim, para além das guerras entre países e guerras civis, em nosso país há uma “guerra” que ocorre em função de crimes que envolvem narcotráfico, dinheiro e violência, em que o lugar dos confrontos é geralmente morros e favelas, ou seja, lugares periféricos onde estão muitos trabalhadores de baixa renda, muitas pessoas sem perspectivas, oportunidades, formação adequada e são deixados a margem da sociedade pelos governos, para além disso também é preciso ser dito que há questões de raça, pois observamos pela imagem, entre pessoas mortas e suas famílias, muitas pessoas negras. O conjunto de imagens dessa “operação” que consta registros de drones, cobertura de jornalistas, câmeras nos uniformes dos policiais, gravações feitas com celulares dos moradores foram divulgados por veículos de comunicação para serem vistas e analisadas por todos, mesmo com as devidas interpretações e escolhas, faz com que o conflito se torne ainda mais complexo, violento e “real”. Já que a fotografia como uma forma de interpretação do mundo a partir da dissolução implacável do tempo, traça um discurso visual que reflete a sociedade e documenta o mundo para ser visto, revisto e leve as ações que colaboram na solução dos problemas.

REFERÊNCIAS

- BITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramalhe. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- WANDERLEI, Ludimilla Carvalho. **O trabalhador na fotografia documental**. Curitiba: Appris, 2018.